

A SAGA DO MARECHAL RONDON NA FORMAÇÃO DA UNIDADE MATO-GROSSENSE

João Carlos Vicente Ferreira



A SAGA DO MARECHAL RONDON NA FORMAÇÃO DA UNIDADE MATO-GROSSENSE

SAGA MARSHAL RONDON IN TRAINING THE MATO GROSSO UNIT

João Carlos Vicente Ferreira

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, membro efetivo da
Academia Mato-Grossense de Letras. Historiador e Produtor Cultural

RESUMO: O presente artigo visou apresentar o mato-grossense e brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon enquanto militar e sertanista. Para isso, iniciamos com um breve perfil biográfico da personalidade, seguido da análise dos trabalhos telegráficos de implantação das estações e do contato com as etnias indígenas, sobrelevando a produção científica da Comissão Rondon. O artigo finaliza com a Expedição Roosevelt-Rondon.

Palavras-chave: Cândido Mariano da Silva Rondon, Comissão Rondon. Linhas Telegráficas. Índios. Amazônia brasileira.

ABSTRACT: This article aimed to present the Mato Grosso and Brazilian Candido Mariano da Silva Rondon in its various aspects: as a military and frontiersman. For this, we begin with a brief biographical sketch of the personality, followed by analysis of telegraphic work, the implementation of stations, contact with indigenous groups, sobrelevando the scientific production of the Rondon Commission. The article concludes with the Roosevelt-Rondon.

Keywords: Cândido Mariano da Silva Rondon, Rondon Commission. Telegraph. Indians. Brazilian Amazon.

SÍNTESE BIOGRÁFICA

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em Mimoso, antiga sesmaria de Morro Redondo, município de Santo Antônio de Leverger, em 5 maio de 1865. Seu pai foi Cândido Mariano da Silva e sua mãe Claudina de Freitas Evangelista da Silva. Órfão de pai antes de nascer e de mãe quando ainda não tinha percepção da perda, foi criado pelo avô paterno, que o ensinou a ler.

Aos 7 anos, foi viver em Cuiabá com o tio, Manoel Rodrigues, que ficou viúvo quando Rondon tinha 9 anos. Frequentou a escola do mestre Cruz e alternava estudos com as funções de ajudante no estabelecimento comercial do tio. Em 1874, com 9 anos, foi cursar a Escola Pública. Concluiu o ensino fundamental aos 13 anos.

Daí foi para a Escola Normal, que concluiu com distinção, em 1881, aos 16 anos. No Rio de Janeiro, ingressou no Exército, o que fez em 26 novembro de 1881, junto ao 2º Regimento de Artilharia a Cavalos, e na qualidade de soldado, com destino à Escola Militar da Praia Vermelha. Foi incluído na 4ª Bateria, então comandada pelo Capitão Hermes da Fonseca, futuro Presidente da República.

Rondon é considerado o maior desbravador, civilizador, sertanista, bandeirante e inspetor militar de fronteiras mundiais, em terras e selvas tropicais. Por conta disso, foi consagrado Patrono da Arma de Comunicações, pelo Exército Brasileiro, através do Decreto nº 51.560, de 26 abril de 1962, por liderar a implantação, no Brasil, de 8 mil km de linhas telegráficas.

A obra de Rondon foi também fundamental para apoiar a Marcha para Oeste e para o Norte, uma preocupação que vinha desde o Império, para que os vazios demográficos do Centro-Oeste e do Norte fossem, a cada dia, mais povoados, explorados economicamente e, por consequência, conquistassem maior expressão política. Em virtude desse pensamento, surgiu na segunda metade do século XX, o Projeto Rondon que, sob a inspiração de sua vida e obra, provocou, de 1968 a 1989, a marcha em especial para o Oeste e para o Norte, das Universidades, através de seus alunos em férias, que conheceram, por meio de estágios de serviços, as realidades brasileiras ao vivo, e não apenas na teoria.

As Linhas Telegráficas rondonianas, com seus picadões de 40 metros de largura, prestaram serviços à circulação humana e de riquezas, com maior capacidade que as primitivas e estreitas trilhas indígenas. Foram elas também fator de Paz Social, por levarem em sua vanguarda Rondon – O Pai Branco - o Apóstolo das Selvas – de nossa popu-

lação indígena, por ele redimida, valorizada, protegida de massacres e explorações, compreendida e amada, pois os trabalhos da Comissão Rondon foi fiel a seu lema: Morrer se preciso for, matar nunca.

Rondon atuou como militar no Paraná e em Santa Catarina, com brilhante desempenho pacificador, ao evitar mal maior. Perguntado ao general Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa (MMF), na hipótese de uma guerra, qual general seu ex-aluno viria a indicar para comandar o Exército Brasileiro? Respondeu sem pestanejar: Cândido Mariano Rondon!

Foi delegado do Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras. Como Diretor de Engenharia do Exército, semeou modernos e confortáveis quartéis pelo Brasil, os quais, cuidados com desvelo por seus ocupantes, há décadas prestam valiosos serviços ao Exército.

Esse grande brasileiro, pelo conjunto de sua obra monumental, foi consagrado, de justiça, pelo Povo Brasileiro, como Marechal Honorário do Exército, por decisão do Congresso Brasileiro, traduzido na Lei nº 2.409, de 27 janeiro de 1955, além de ser dado seu nome ao Território e atual Estado de Rondônia, que ele desbravara. Em seus quase 93 anos de vida, o Marechal foi fidelíssimo ao seu pensamento: “Mais importante que a vida é o espírito com o qual a vivemos.”

Seu nome foi imortalizado e consagrado internacionalmente na Sociedade Geográfica de Nova York, ao ser inscrito em letras de ouro, ao lado de outras três grandes sumidades internacionais:

Amundsen - O descobridor do Polo Sul.

Peary – O descobridor do Polo Norte.

Byrd – O explorador que mais fundo penetrou em terras árticas.

Rondon – O explorador que penetrou mais extensamente em terras tropicais.

Por sua obra em prol da Paz, ideal que esteve sempre presente e perseguido em suas atuações, foi proposto em 1957, por 15 nações, para o Prêmio Nobel da Paz. (SIQUEIRA; MACHADO; ÁVILA, 2016).

A EXPANSÃO DAS LINHAS E AS ESTAÇÕES TELEGRÁFICAS

As obras de abertura de linhas telegráficas em Mato Grosso, abrangendo territórios que hoje compõem, também, os estados de Mato Grosso do Sul e Rondônia, tiveram início em 1890, com a criação da Comissão de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, sob

o comando de Gomes Carneiro, tendo como auxiliar direto Cândido Mariano da Silva Rondon. Sua conclusão datou de 1891.

Inúmeras outras Comissões foram criadas e seus trabalhos foram realizados sob as ordens de Cândido Mariano da Silva Rondon, excetuando-se a rota Coxim/Corumbá e linhas adjacentes (1900-1906), cujo reconhecimento de trecho e busca do melhor traçado ficaram sob o comando do major Bento Ribeiro Carneiro. Registra-se que esse mesmo oficial construiu a estação telegráfica de São Lourenço, localizada no município de Santo Antônio de Leverger, ficando o trabalho de implantação das linhas e construção das estações a cargo de Rondon.

De todas as expedições a que mais se destacou foi a Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, ou simplesmente, Comissão Rondon, cujos trabalhos tiveram início em 1907 e concluídas em 1915. Certamente, esta afirmativa deve-se ao fato do amadurecimento do propósito e também por ter sido mais duradoura e penosa a sua conclusão. Lembremo-nos que na abertura das picadas por cerrados e florestas, pela qual passaram as expedições da Comissão, eram utilizados instrumentos como facão, foice, machado e serras manuais, em trabalho eminentemente braçal.

O determinismo do comandante das Comissões, Cândido Mariano da Silva Rondon, aliado à sua experiência de vida, adicionado ao saber adquirido com o convívio com as mais diversas sociedades, inclusive a indígena, fizeram das expedições a verdadeira integração nacional de áreas até então isoladas e de delimitações limítrofes internacionais duvidosas (VIVEIROS, 1958, p. 85-189).

ESTAÇÕES TELEGRÁFICAS

TRECHO ENTRE CUIABÁ E VILA BELA DA SS. TRINDADE

Cuiabá: A linha telegráfica de Cuiabá é pioneira na série de estações telegráficas implantadas em Mato Grosso. Funcionou em um prédio na Rua Pedro Celestino, esquina com Campo Grande, que existe até os dias de hoje, estando em boas condições de conservação.

Nossa Senhora do Livramento: A casa que abrigou a estação telegráfica de Nossa Senhora do Livramento não existe mais, foi demolida, restando apenas vestígios de parte do alicerce do imóvel.

Poconé: Já a de Poconé funcionou em dois imóveis, ambos na região central da cidade. Do ano de 1906 até 1920, em uma casa que foi parcialmente demolida. Posteriormente, foi para outro imóvel, tendo funcionado nesse último endereço por décadas.

Cáceres: O imóvel onde funcionou a estação telegráfica de Cáceres, nas imediações da Praça Barão do Rio Branco, zona central da cidade, foi demolido na década de 1970, sendo que em seu lugar foi construído um pequeno prédio.

Porto Esperidião: O imóvel onde funcionou a estação telegráfica de Porto Esperidião, por encontrar-se em péssimo estado de conservação, foi recuperado no ano de 2006, com recursos do governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Cultura, em parceria com a prefeitura local, passando a servir à comunidade.

Pontes e Lacerda: O imóvel que abrigou a estação telegráfica de Pontes e Lacerda, em 2006, encontrava-se somente com esteios de madeira em pé. Baseado em fotografias antigas, foi o mesmo reconstruído e passou a ser utilizado como biblioteca municipal, com apoio do governo do Estado, via SEC e prefeitura local.

Vila Bela da Santíssima Trindade: A estação telegráfica funcionou no antigo Palácio dos Capitães-Generais, prédio tombado pelo Iphan, que abriga atualmente um museu histórico.

TRECHO ENTRE CUIABÁ E ARAGUAIANA

Rio Manso: A estação telegráfica Rio Manso se localiza no município de Campo Verde, às margens da BR-070, próxima ao rio das Mortes e em propriedade particular. O prédio está descaracterizado, no entanto, bem conservado.

Capim Branco: A estação telegráfica de Capim Branco, ou Coronel Ponce, foi demolida por ação de vândalos, na década de 1980. Em seu lugar foi construída uma réplica, em 2009, que abriga um museu local, numa parceria entre a prefeitura do município de Campo Verde e o governo do Estado, através da SEC.

Sangradouro: A estação telegráfica recebeu o nome oficial de Presidente Murtinho, mas ficou conhecida por Sangradouro, devido ao rio que banha o lugar. Da antiga estação, restam apenas alguns vestígios, tendo ali vicejado uma missão de padres salesianos, desde o ano de 1906.

General Carneiro: A estação telegráfica de General Carneiro também era conhecida como Barreiro Grande. A casa que abrigou a estação por longos anos não existe mais, sendo que seus alicerces compõem o quintal de uma residência particular.

Araguaiana: A estação telegráfica de Araguaiana funcionou em uma casa construída em fins do século XIX, pertencente à prefeitura local e se encontra em satisfatório estado de conservação.

TRECHO ENTRE CUIABÁ E RIO CORRENTES

São Lourenço: A estação telegráfica São Lourenço, situada no município de Santo Antônio de Leverger, está localizada dentro da T. I. Tereza Cristina. Sofreu alterações e a casa é usada atualmente pelos locais. Sua principal característica histórica é ter sido construída sob o comando do major Bento Manoel Ribeiro Carneiro, chefe da Comissão de construção da linha telegráfica Cuiabá-Corumbá.

Itiquira: A estação telegráfica de Itiquira encontra-se em propriedade rural particular, sendo proibida a sua visita. Em 1993, a prefeitura local informou que a conservação do prédio era precária, sendo possível que contemporaneamente esteja em ruínas.

Rio Correntes: A estação telegráfica Rio Correntes se localiza em território do atual município de Itiquira. Em 1993, a prefeitura local informou que o prédio não havia sido conservado e que, portanto, estava em completa destruição.

TRECHO ENTRE A ESTAÇÃO DA GUIA E NHAMBIQUARA

Nossa Senhora da Guia: A estação telegráfica da Guia foi demolida no ano 2000, tendo sido construído no lugar uma igreja católica.

Acorizal: A estação telegráfica de Brotas, antigo nome do atual município de Acorizal, funcionou em vários pontos da cidade. Em 2007, por ocasião da comemoração do centenário da Comissão Rondon, a prefeitura local indicou uma residência como sendo a oficial, sendo esse ponto até hoje visitado por turistas.

Diamantino: A estação telegráfica de Diamantino, segundo informações da comunidade, foi demolida na década de 1970.

Afonso: A estação telegráfica de Santo Afonso, construída de pau-a-pique e barroteada, foi derrubada por excepcional temporal ocorrido no ano de 2005. Em 2006, a prefeitura local e o governo estadual, através da SEC, procederam à construção de uma réplica da antiga estação. Na obra, executada em 2006, a prefeitura contratou um profissional local, conhecedor de construção de pau-a-pique, tendo o construtor reutilizado todos os palanques de aroeira que sobraram da antiga estação. O prédio passou a abrigar biblioteca e o departamento de correios.

Barra do Bugres: A estação telegráfica de Barra do Bugres não oferece nem ao menos vestígios, mesmo tendo funcionado por décadas.

Parecis: A estação telegráfica Parecis se localiza às margens da BR-364, nas proximidades de Diamantino, e está em péssimas condições de conservação, com metade do telhado ao chão.

Ponte de Pedra: A estação telegráfica Ponte de Pedra não existe mais, não podendo ser vistas nem ao menos as suas ruínas, por ter ocorrido nova construção em cima do antigo prédio.

Capanema: A estação telegráfica Barão de Capanema, localizada na zona rural do município de Campo Novo do Parecis, não existe mais, apenas alguns poucos vestígios que a identificam.

Utiariti: A estação telegráfica Utiariti se localiza nas proximidades da salto Utiariti, no planalto dos Parecis, localizado no município de Campo Novo do Parecis. Da estação, restam apenas poucos vestígios.

Juruena: A estação telegráfica Juruena se localiza no interior do município de Sapezal. Era casa construída de pau-a-pique e, por conta disso, de pouca resistência. Restam poucos vestígios da antiga estação Juruena, que tinha como sina permanentes ataques indígenas do povo Nambiquara.

Nhanbiquara: A estação telegráfica Nhambiquara está localizada em território do atual município de Comodoro. Da antiga estação, existem alguns poucos vestígios de sua histórica existência.

O ESPECTRO DA MORTE RONDAVA A EXPEDIÇÃO

Entre o final do século XIX e a segunda década do XX, vastas regiões dos atuais estados brasileiros de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Amazonas passaram a ser atravessadas por oficiais e praças do Exército brasileiro, que cumpriam a missão de estender fios telegráficos, das barrancas do Araguaia até o extremo noroeste brasileiro. Esses militares se somaram a telegrafistas e guarda-fios, cedidos pela Repartição Geral dos Telégrafos, e também a civis contratados para trabalhos pesados e, eventualmente, a grupos de indígenas, totalizando três a seis centenas de homens, que formavam a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Esse trabalho foi reconhecido, especialmente porque Rondon e demais membros da Comissão esforçaram-se em chamar atenção ao migrante para os benefícios oferecidos pela natureza da região, que passaram, paulatinamente, a ocupar espaços geográficos, a criar cidades e plantar esperanças. No entanto, nessa época, o medo das doenças trabalhava no sentido contrário, lembrando que a morte era um possível destino para aqueles que por lá se aventurassem. Pelo longo período de sua realização, pelos trechos inóspitos e perigos enfrentados, os trabalhos liderados por Rondon não poderiam deixar de contabilizar apenas glórias e bem-aventuranças. Também ocorreram agruras, provações e pestilências, que não se pode aturar, e muitos foram ceifados em suas rutilas existências. Rondon, em discurso

proferido em 1938, no Ministério das Relações Exteriores, lembrou a morte de mais de 650 pessoas, entre oficiais, soldados e civis, que pereceram por doenças, acidentes ou ataques de índios durante os trabalhos de instalação e conservação das linhas telegráficas.

Na linha hierárquica de comando, recorda-se da morte, motivada pelo tifo, do Major Emanuel Silvestre do Amarante, genro de Rondon, pois fora casado com sua filha mais velha, Aracy. Ainda nessa linha, dos muitos que dormiram o sono do verdadeiro repouso e partiram para o imenso Incognoscível, registram-se os nomes do Primeiro-Tenente, João Salustiano Lyra e do Segundo-Tenente, Eduardo de Abreu Botelho, que pereceram no Rio Sepotuba. Eram dois importantes e reconhecidos cientistas da Comissão Rondon.

Nos trechos amazônicos ocorreram febres intermitentes que vitimaram grande parte dos trabalhadores, as quais foram combatidas, mas não vencidas. Era enorme o espectro de doença que se apresentava, sempre, com forte impacto nos membros da Comissão. Em homenagem aos trabalhadores que pereceram em plena atividade na selva, citamos os nomes de dois bravos brasileiros, mortos contaminados pela malária: Manfredo dos Reis Maciel, que era diarista, José Ferreira do Nascimento, soldado da expedição, ambos vítimas do impaludismo (VIVEIROS, 1958, p. 619-621).

RONDON E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Revestiu-se da maior relevância para o país o trabalho desenvolvido pela Comissão Rondon, notadamente em relação à produção científica, enriquecida com o acervo de descobertas e informações geográficas, botânicas, zoológicas, geológicas, mineralógicas, pedológicas e etnográficas, levantadas e catalogadas por pesquisadores e cientistas integrados à Comissão.

É lícito afirmar que a missão rondoniana não se restringiu apenas à construção da linha telegráfica, redundando na efetivação de estudos científicos desenvolvidos em diversas áreas da ciência.

Tornaram-se elisas mesmas temática de conferências e impressão de livros e relatórios os trabalhos sobre os aspectos fisiográficos, da fauna da flora, linguísticos e antropológicos dos espaços percorridos, revestindo a Comissão Rondon, enquanto missão científica e multifacetada, de um importante veículo de difusão dos resultados científicos, através de relatórios, materiais coletados e catalogação da biota resultaram na publicação de obras versando, treze, sobre botânica, doze sobre hidrologia e águas termais e uma sobre etnografia, bem como contribuindo para o aumento dos acervos dos museus especializados.

Num dos relatórios da Comissão de 1915, Rondon afirmou que a exploração científica do território e sua incorporação ao mundo civilizado seriam partes de um só projeto. Isso demonstra que, desde o início, seu trabalho não se restringiu à colocação de postes e fios nos longínquo oeste e norte brasileiro. Ao analisar a relação entre a CLTEMTA e o interesse científico associado ao projeto de integração do território nacional, torna-se indispensável a análise acerca de um novo Ministério implantado na República: o da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), em 1906/1909, que representou a integração entre agricultura e ciência, relação esta legitimada desde o século anterior, com a criação, em 1861, do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, extinto após a instauração da República. Cabe notar que a ciência, no Brasil, já era vista, por meio do viés utilitário, desde o século XIX.

RONDON E SUA CONTRIBUIÇÃO À CARTOGRAFIA

Certamente, a maior contribuição à cartografia feita por Cândido Mariano da Silva Rondon foi a Carta de Mato Grosso, proposta em 1917, por D. Francisco de Aquino Corrêa, então presidente de Mato Grosso, com aprovação do General José Caetano de Faria, então Ministro da Guerra.

Por conta disso, foi instituído o Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso, com o próprio Rondon enquanto diretor-geral, visto que sempre quis produzir uma nova Carta de Mato Grosso, pelas imprecisões que a antiga apresentara. Rondon nomeou o então Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos como Chefe da Seção de Desenho. Por muitas razões e fatos, essa Carta só foi concluída e entregue à Sociedade no ano de 1952, exatos 35 anos após sua propositura.

Apesar do empenho pessoal de Rondon, do Presidente Dutra e do próprio presidente Vargas, a Carta de Mato Grosso ainda teve que esperar até 1952 para ser publicada. No período, Cândido Mariano da Silva Rondon, então com 87 anos, conseguiu finalizar um de seus maiores propósitos, o de publicar a Carta de Mato Grosso, um compromisso assumido com D. Aquino Corrêa e toda a sociedade mato-grossense (SIQUEIRA; MACHADO; ÁVILA, 2016).

RONDON E OS POVOS INDÍGENAS

Todas as ações desempenhadas por Rondon em seu périplo pelas selvas, campos e cerrados brasileiros estão plasmadas nas contribuições a causa indígena nacional. Não apenas por ter em seu sangue

a mistura do povo Bororo, Terena e Guaná, e ter vivido, por certo, questionamentos que o levaram a defender, de forma ferrenha e intransigente, a inclusão dos povos indígenas nos preceitos constitucionais, sociais e humanos da pátria. Rondon buscou dar luz ao ideal de José Bonifácio, que era “a incorporação definitiva e espontânea do índio à civilização brasileira” (VIVEIROS, 1958, p. 597-602).

Um dos parceiros de Rondon nesse propósito de valorização da sociedade indígena brasileira foi Nilo Peçanha, a quem o nosso herói assim retratou: (...) “alma de verdadeiro republicano que sentiu ser a índole e o destino do regime fundar e fomentar a fraternidade entre os filhos da mesma terra” (VIVEIROS, 1958, p. 630).

No livro *Rondon Conta sua Vida* (VIVEIROS, 1958, p. 342), ele diz o seguinte: [...] “estudei, apaixonadamente, as tribos, desde as que já se encontravam em promiscuidade, mais ou menos estreita, com moradores das zonas próximas até as que viviam no fundo de suas florestas, em paragens quase inacessíveis, onde, com a pureza dos costumes e das instituições herdadas de seus maiores conservavam o recato de suas mulheres e filhas”. Esse comentário foi sobre os efeitos que a civilização produzia numa sociedade habituada à cultura e hábitos completamente diferentes dos povos ditos “civilizados”, que impõe costumes nem sempre aceitos no interior das sociedades indígenas, remontando a uma história milenar.

Ao criar o SPITN - Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais, que se transformou mais tarde na FUNAI - Fundação Nacional do Índio, Rondon conseguiu institucionalizar e legalizar, através de atos e leis que passaram a compor a Constituição brasileira, a proteção devida aos povos indígenas, tanto em terras ocupadas ou a serem ocupadas, mas também pela preservação de suas culturas.

É sempre bom recordar que o gosto e a afinidade pela causa indígena, intrínsecos em Rondon, adveio de seu convívio com o general Ernesto Gomes Carneiro, quando este, em vida, ao comandar a primeira expedição das linhas telegráficas em Mato Grosso, mandou esparramar, leste afora, panfletos alertando que, quem atentasse contra a vida de indígenas teria que se ver com ele. Por conta desse propósito, Cândido Mariano da Silva Rondon recebeu o título de *Pagmejera*, o grande chefe que cunhou, para si e para o mundo, o lema: “Morrer se preciso for, matar nunca” (VIVEIROS, 1958, p. 470).

ETNIAS INDÍGENAS CONTATADAS POR RONDON

Quando em ação junto às frentes de trabalho da instalação das linhas telegráficas, Cândido Mariano da Silva Rondon se deparou com infindável número de nações indígenas, dos mais diferentes troncos linguísticos e culturas diversas. Passou, então, a compreender a necessidade de registro e catalogação de nomes de grupos e etnias indígenas, pelo caráter humanitário e ineditismo de sua operação nas selvas brasileiras. O trabalho desenvolvido pelo sertanista Cândido Rondon é reconhecido pela sociedade brasileira como dos mais importantes feitos de nosso país. Sua atuação em prol da causa indígena é ímpar, mas não foi suficiente para conter a fúria devastadora do progresso e da ocupação de campos, cerrados e florestas, milenarmente ocupados pelos povos indígenas, que foram escorraçados de seus *habitats* naturais por seringueiros, mineradores e fazendeiros. Infelizmente, só tivemos um Rondon. Seus discípulos ou seguidores de seus exemplos não conseguiram tantos êxitos quanto ele próprio.

Das inúmeras etnias contatadas por Rondon e sua equipe de cientistas e pesquisadores, destacamos algumas: Anuzê, Ariqueme, Aliti (Pareci), Bororo, Cabixi, Cadiweu, Caiuá, Canoé, Carajá, Caripuna, Caritiana, Caxiniti, Cozarini, Guató, Ipegue, Ipoteaute, Iranxe, Jari, Jarú, Kepkiriwát, Mamindê, Massacá, Navaité, Nenê, Nambiquara, Ofaiés, Parintintim, Parnauaté, Pirarrã, Umutina, Opaié, Urupá, Terena, Anauquá, Bacairi, Caiabí, Suiá, Uaurá, Macuxí, Baré, Uaboí, dentre outros (VIVEIROS, 1958).

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON

Durante os trabalhos da Comissão Rondon ocorreu um dos mais importantes eventos científicos de Mato Grosso do século XX, a Expedição Roosevelt-Rondon. Trata-se de feito histórico-científico memorável, realizado a partir de 12 de dezembro de 1913 e encabeçado por dois grandes nomes da história mundial do século XX, Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos (1904-1908), à época, e o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um ícone da história e da cultura brasileira. Roosevelt era um desbravador e aventureiro, tendo participado de incursões aos locais inóspitos e inacessíveis, visto que ainda não desbravados. Por isso quis realizar uma viagem pelos sertões de Mato Grosso. A companhia escolhida foi a de Rondon, um desbravador e profundo conhecedor do território brasileiro, visto ter, com sua experiência na implantação das linhas telegráficas, palmilhado por diversas vezes a região escolhida pelo ex-presidente norte-americano. O encontro dos dois líderes ocorreu na foz do histórico Rio Apa.

Roosevelt trouxe seu filho Kermit e alguns colaboradores. A primeira “caçada” da comitiva foi pelo Rio Taquari acima, na Fazenda Palmeiras. Posteriormente, subiram o curso fluvial do Cuiabá e foram recebidos na capital com honras militares. Depois, foram a Cáceres, navegando pelos rios Cuiabá e Paraguai e, de lá, demandaram ao chapadão dos Parecis, chegando até Utiariti, no histórico salto do Rio Papagaio, e também no Salto Belo, no Rio Sacre. Nesse ponto, a expedição foi dividida em três flancos, sendo que o primeiro exploraria o Rio Papagaio, o segundo promoveria o reconhecimento do Rio da Dúvida e o terceiro promoveria o reconhecimento do Rio Juruena. Foram inúmeras as cartas e mapas elaborados durante essa expedição, sendo seu resultado científico de grande valia. Para Roosevelt, o final da viagem teve seu término em 26 de abril, na confluência dos dois galhos do Rio Aripuanã. Em 1º de maio de 1914, esse estadista e sua comitiva embarcaram, de Belém, com destino a Nova Iorque, levando as melhores impressões possíveis de Mato Grosso e, principalmente, do grande sertanista Cândido Mariano da Silva Rondon. Teodoro Roosevelt, depois de viajar por Mato Grosso e Amazonas guiado por Rondon, assim interpretou a sua obra em entrevista em jornal de New York: “A América pode apresentar ao mundo duas realizações ciclópicas: ao Norte o Canal do Panamá, ao Sul, o trabalho do Coronel Rondon – científico, prático e humanitário” (VIVEIROS, 1958, p. 376-425; 630).

REFERÊNCIAS

- DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.
- FONSECA, Aurélio Cordeiro da; REZENDE, Tatiana Matos. *Cadernetas de campo da Comissão Rondon: testemunhos de uma epopéia pelos sertões do Brasil (1900-1930)*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2010.
- MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: EdUC/Fapesp, 1998.
- MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. *Pelos Sertões do Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1930.
- _____. Amílcar A. Botelho de. *Impressões da Comissão Rondon*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- RIBEIRO, Darcy. *Homens e Instituições: Cândido Mariano da Silva Rondon*. Ciência e Cultura, São Paulo, 1959.

- _____. *Os Índios e a Civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- ROOSEVELT, T. *Through the Brazilian Wilderness* – traduzido para o português em 1944 com o título *Através dos Sertões do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- ROQUETTE-PINTO, E. *Rondônia*. Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1917.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira de. *História de Mato Grosso: da Ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.